

379

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

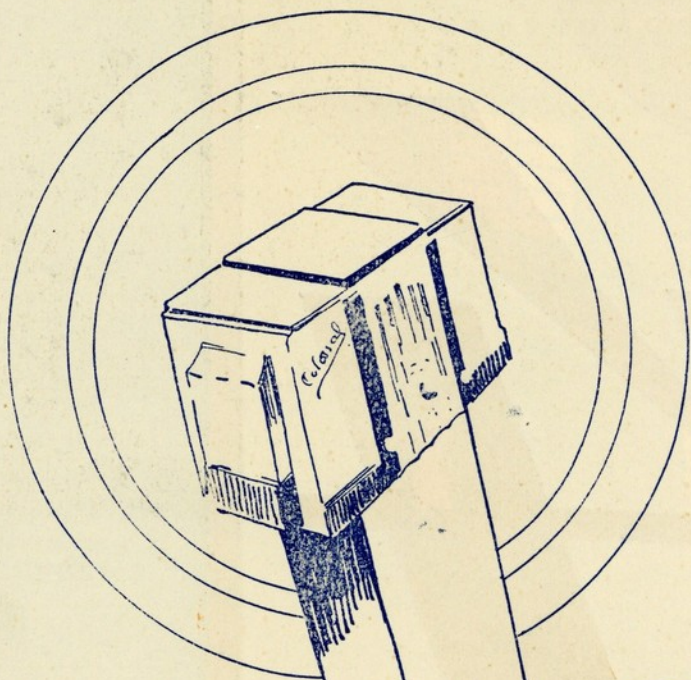


Movimento

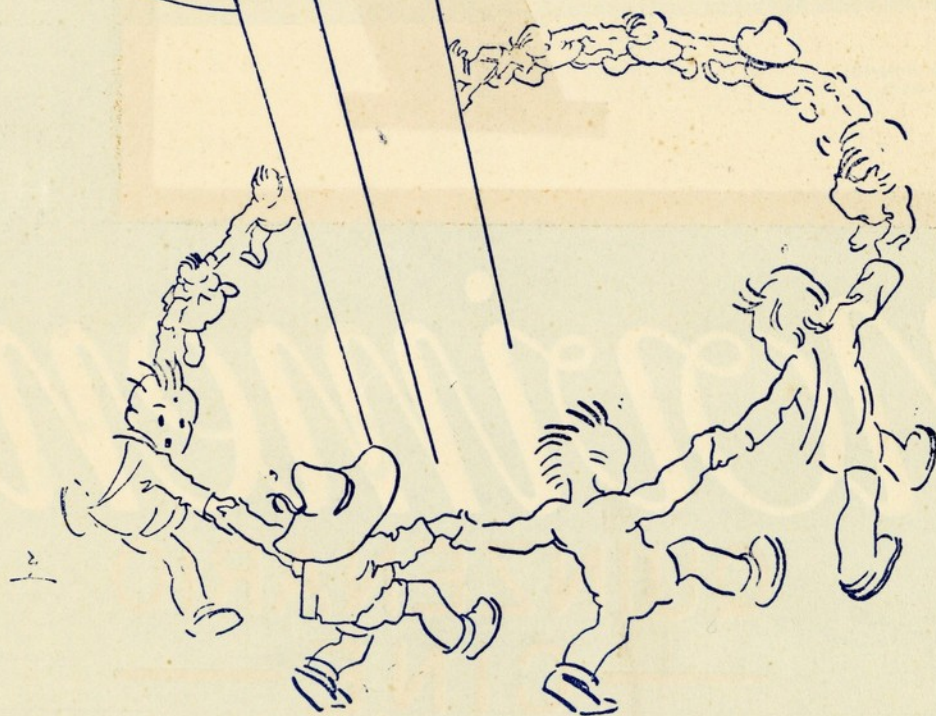
QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1\$50

COLOSSAL RADIO



Um aparelho
pequeno que
é um grande
aparelho.

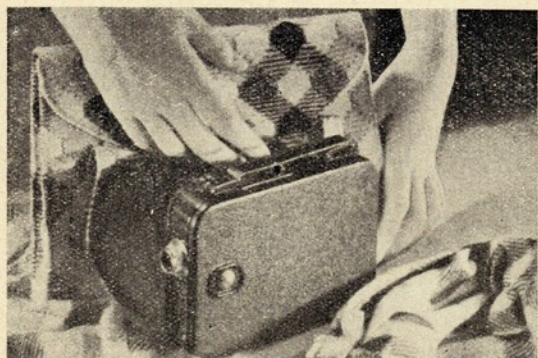


Sociedade Comercial Luzo Americana, L.^{da}

LISBOA -- Rua da Prata, 145

PORTO -- R. Sá da Bandeira, 339

*Visar... premir um botão... e
serão vossas para sempre as
mais belas horas de felicidade*



*Elegante e leve, a-pesar-da sua solidez, o
Cine «Kodak» Oito pode ser transportado
numa mala de senhora ou na algibeira
dum casaco*

Todos os que amam
a VIDA, podem obter
imagens VIVAS com um

CINE ' 'KODAK' ' OITO

*o aparelho de cinematografia de amator que, graças a um novo processo de
Kodak, reduz a menos de metade o gasto da película. Peça informações nas
boas casas da especialidade.*

KODAK LTD.—RUA GARRETT, 33—LISBOA



EU SABIA QUE A MURALINE É UMA
TINTA ESPLÉNDIDA: MAS O RESULTADO
EXCEDEU TODOS OS MEUS
CÁLCULOS

MÁRIO COSTA & C.A, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO

MURALINE
TINTA A ÁGUA

Nesta página fica marcada a profunda mágoa de todos nós pela morte do camarada firme e amigo leal que foi Luiz Guedes.

Tôdas as expressões de dor que poderíamos empregar são conhecidas daqueles em cuja vida existiu uma hora amarga como aquela por que acabamos de passar. Para êsses, não são necessárias. Para os outros seriam incompreensíveis. Por isso as não escrevemos.

Armando Vieira Pinto

Armando Barros

Alexandre Médicis

Alves Costa

Alexandre Serpa

Adolfo Casais Monteiro

Carlos Carneiro

Fernando Barros

Vasco Rodrigues

Francisco Viana

Adriana

2 LIVROS

« CIÚME »

de Antônio Botto

Meu caro Antônio Botto:

Recebi o seu livro e as palavras gentis que o acompanhavam. E é com prazer que lhe mando publicamente esta carta de agradecimento, em lugar da crítica que lhe faria o meu camarada Vasco Rodrigues, encarregado oficialmente, dentro do nosso grupo, dessa ingloria e mal remunerada tarefa de fazer justiça aos produtos das alheias locubrações intelectuais.

Li, com raro gosto, as canções deste seu novo livro. Passa nelas, dentro de beleza sem igual na sua simplicidade, tudo o que no homem existe de vestígio divino: dor, ansiedade, amargura, por vezes revolta, por vezes a sem coragem que todos nós, os que temos a infelicidade de nos não contentarmos com as simples coisas materiais da vida, sentimos sempre, e tão profundamente às vezes.

Este seu livro de hoje é coerente consigo próprio, meu caro Antônio Botto, e é coerente com os seus livros de ontem.

Há nele o mesmo factor de sempre: a sinceridade clara que lhe valeu os apupos escandalizados da multidão hipócrita, mas que lhe valeu, também, o justíssimo triunfo que hoje é seu, e só os imbecis lhe negam.

Porque não põe você, na portada dos seus livros a célebre frase de Petrarca: «non ego loquar omnibus, sed tibi, se mihi, et hris?...»

Assim já quem os lêsse teria sido classificado antecipadamente no lugar que lhe pertencia. E você, meu caro Antônio Botto, lucraria a abstenção das chamadas «pessoas de sã moral» que não são, como você muito bem sabe e à primeira vista poderia ingenuamente supôr-se, aquelas que falam verdade e procedem «verdade» também, mas aquelas que falam «preconceito» e regulam tôdas os passos da sua vida por êsse misto de dissimulação e hipocrisia a que é uso chamar-se, por saborosa elipse: «boa educação».

E daí, talvez fôsse tolice. Os homens que usam colarinhos altos de mais, os sócios da Academia, os conselheiros da lenda também são necessários à vida feliz desta complicada máquina social.

Meu caro Antônio Botto, conversar consigo é sempre um raro e delicado prazer. Mas a-pesar-disto vou deixá-lo. De tôdas as canções, a que mais me agradou? A que termina:

*Para morrer, —
Qualquer lugar,
Qualquer corpo,
E qualquer boca me serve*

O abraço do estilo do seu

Amanda Vieira Pinto

« LABIRINTO »

15 poemas de Luiz Guedes

Se eu estampasse aqui o elogio de Luis Guedes e das suas qualidades de escritor não faltaria quem o atribuisse exclusivamente à minha amizade e à minha camaradagem.

Tôda a gente sabe como se vive em Portugal do compadrio ignóbil do elogio mútuo. A crítica descreditou-se a tal ponto que não pode ser geralmente tomada a sério, e já não há ninguém que acredite na sinceridade dos seus juízos de forma que estes possam ser considerados a expressão exacta de um pensamento honesto. Criticar, entre nós, é apenas dizer bem ou dizer mal, mas sempre, em última análise por motivos estranhos à inteligência. O público possui, senão o conhecimento, pelo menos a intuição desta comédia e retrai-se — uma das poucas coisas em que o público procede sensatamente. Ora eu não queria que alguém pudesse supor que, por trás das minhas palavras de referência ao último livro do meu camarada Luis Guedes, exista o desejo de lhe prestar um serviço, queimando incenso diante do seu altar, para que êste meu illustre amigo venha também, na primeira oportunidade, diante do meu, genuflectir e queimar uma dose de incenso ainda maior. Por isso não farei propriamente uma crítica, com a costuada distribuição de adjectivos nem direi sequer que o livro é bom. Compre-o o leitor, leia-o e ajuize por si. E se gostar, como eu, se vir nos seus versos alguma coisa mais do que encontra habitualmente nas centenas de livros de versos que por aí pululam, fixe o nome do autor e não o perca de vista, pois muito me parece que há ainda a esperar do seu talento, quando êle se resolver a dar-nos obras de maior fôlego, não quero dizer necessariamente maiores, mas mais completas, mais representativas de sua sensibilidade.

«Labirinto» é uma colectanea de 15 poemas, de valor desigual, e onde o autor, quer nos seus versos líricos quer nos seus versos satiricos (façamos esta distinção por comodidade), põe sempre sinceramente a sua maneira de sentir, com independência, com personalidade, e indiscutivelmente, com relevo. Pena é que, sendo êste livro tão pequeno e retratando vários aspectos da sensibilidade de Luis Guedes sob as diversas formas por que a sua individualidade reage perante o mundo exterior, constituindo cada poema, por assim dizer, uma amostra, não consiga dar-nos uma impressão total e definitiva do autor — o qual fica portanto adstrito à obrigação de publicar obra mais extensa ou menos dispersiva, em que a sua maneira de ser se expanda com maior amplitude.

Vasco Rodrigues

CANÇÃO

do mêdo infundado



... Erram sombras subtis pela floresta,
o vento ruge com uma voz estranha,
e um segrêdo surdo que castiga
paíra em tudo!?...

... Qualquer coisa te molesta
com uma insistência tamanha,
—doce e frágil rapariga!—
que só êsse olhar mudo,
olhar distante,
surprêso,
nos torna preso
um instante...

Receios?

Mas porquê, êsse temor
de pássaro assustado,
num fresco olhar azulado

de duas
luas
cheias?...

...Será por causa do amor?...

—Seja lá pelo que fôr!...

Não tens razão
de assim viveres à mercê
dum qualquer mêdo infundado.

Mêdo, de quê?

— «Quem tem mêdo compra um cão»
e tu...

já o tens a teu lado...

Luiz Guedes



FILMES

Depois do cinema nos ter dado os mais variados e também complicados temas sentimentais, de nos conduzir e nos mostrar os ambientes das cinco partes do mundo, de nos reerguer diante das nossas pupilas atentas quadros históricos, de roçar com a lente da objectiva fantasias, comédias e dramas,— não podia também o maravilhoso, o fantástico, o inverosímil deixar de ter um lugar reservado para experiências.

Foram elas coroadas de êxito? Negá-lo seria estultícia da parte de quem quer que fôsse. E se todavia na época do cinema mudo o filme de terror não se tinha ainda emancipado completamente, com o advento do sonoro não só

DE

pode impor-se, como aliás deve vencer em tôda a linha.

Até há bem pouco tempo ainda se projectou em Paris na tela dum cinema um programa exclusivamente consagrado a esta categoria de filmes.

As fitas a que poderemos chamar de «terror», embora não pareça, têm um público, um público devotado, crente e fiel como certos leitores dum género literário. De resto o cinema, o papel do cinema cada vez mais se concentra para ser a «literatura dos olhos». E a esta espécie de filmes poderemos catalogá-los em paralelo ao género da literatura dramática no chamado teatro «grand guignol».

Não será assim?

Nessa sessão cinematográfica realizada em Paris (creio que por iniciativa do jornal «La Semaine» exibiram-se «O Médico e o Monstro», «A Queda da Casa Ursher», «O Ga-

TERROR

binete do Dr. Caligari», «O Fim do Mundo» e «O Estudante de Praga». Mas o rol das produções deste género não pára por aqui. Qual dos leitores amigos de cinema, que se não lembra de «Matou», de «O Testamento do Dr. Mabuse», de «Fantomas» (já sonoro) de «O Palácio dos Mistérios» com Boris Karloff no protagonista?

E quantos mais? «O malvado Zaroff» ainda de reexibição recente com Leslie Bancks e Fay Wray— a mulher dos gritos— no elenco, «O Club dos Suïcidas», «O Crime da rua Morgue», «A Aranha» com Edmundo Love, e «Xandu Fakir» também com Edmundo Love; «As Máscaras de Cera», «Frankenstein», «O Dr. Mandchu». E quantas omissões involuntárias nesta lista recordada agora?

E para fecharmos estas despreziosas considerações diremos sòmente que os filmes assim moldados de duas uma: ou são bem feitos e nos dão realmente o imprevisto dramático ou pecam na sua factura e vem recheados dum ridículo que por muita boa vontade não conseguem atenuar.

Mas o público por seu lado não sabe ainda assis-

tir a uma exibição deste género. Ainda recordamos não sem revolta, não sem piedade as gargalhadas alvares que num cinema do Pôrto sublinharam algumas passagens de «A Queda

da Casa Ursher» de Epstein.

Mas não recordemos coisas tristes, ou melhor, lamentáveis.

E entoemos um hino de louvor a esta modalidade do cinema que nasceu, talvez, com «O Carro Fantasma» essa antiga produção da casa Svenska realizada por Sjöstrom e extraída de uma obra literária de Selma Lagerlöf. Não se lembram? Era no tempo do cinema mudo... Mas a história fica para outra vez.



Como eu vi RAÚL DE CARVALHO vindo do inferno

Caro leitor:

Não penses que se trata dalguma visão dantesca; isso já nada tem de novo para ti e é prato suculento de mais para a minha pena. Contenta-te, somente pois, com umas gulodices, umas notazinhas ligeiras, uns apontamentos sobre esta figura do nosso cinema e teatro.

Estás pouco habituado a que te falam na nossa gente, eu sei... Não pretendo igualmente contar-te a biografia de Raúl de Carvalho; tu talvez o saibas melhor do que eu... é tão fácil saber-se da vida uns dos outros...

Tu vais ter ensejo de o veres agora no Gado Bravo; ele vai estar em foco, por isso vou contar-te... mas repara: o que eu pretendo é apenas reproduzir alguns modos, pequenas observações que tive ocasião de fazer, quando o vi transformado em Lucifer... sim, nas Festas de Lisboa. Vamos então:

Se o visses?! Não parecia o mesmo rapaz de cara rapada que vês nos fotos e verás no filme: o corpo enfiado numa malha cinzenta, as mãos enluvadas de negro, com unhas enormes... e então o que lhe dava um ar de senhor de Boquilobo, era a pera loura e os bigodes petulantes; a cabeça coberta por uma gorra, donde saíam as orelhas, e as sobrancheiras prolongaram-se em filamentos negros...

Pois lá estava, por detrás dos bastidores, arrumado a um lado da cena, o ar irónico, cofiando a pera, como quem medita grandes planos, infernais... uff! ei-lo em cena, aos saltos, a rir, como só o próprio demo o faria. E todo o seu temperamento de verdadeiro artista se desdobra no Tentador!...

Dois minutos depois, ei-lo pronto, na plateia, feito mortal, bom camarada, a assistir ao resto do ensaio... (previno-te: é tal qual como nos retratos; talvez pois o encontres amanhã ao voltares uma esquina).

Agora, no dia da representação... era na Sé... Os artistas esperavam no pórtico da catedral, improvisado em foyer.

Pois ao Raúl de ontem *maquiavélico*, sombrio, sucedeu o *diabrete* que esteve espirituosíssimo toda a noite... Andou numa roda viva, ora junto da Palmira Bastos a quem admirava a riqueza do traje, logo surgia no extremo oposto a falar ao René Robert, depois passava mesmo à ilharga do Benamor, agora aproxima-se das bailarinas, daí a um instante já estava junto do garoto que vestia de Menino Jesus...

E quando tudo estava pronto para entrar em cena, ou antes, a sair para o adro da Sé, quando os sinos da vetusta catedral badalavam chamando a atenção de todos e as notas sonoras, graves, de bronze, ecoavam por sobre os telhados, indo perder-se no rumor da cidade em festa e do rio, de que se havia ele de lembrar? De fazer bailados fantásticos, pretendendo tentar, dizia, o grupo das Tágides (jovens amadoras, muitas enfrentando os olhares do público pela primeira vez). As raparigas, passaritos tontos, iam-se tomando de brincadeira, porém, a voz do Robles Monteiro bradou, mais forte ainda que o bordão do sino: «O Raúl, você não tem juízo!...»

Imediatamente desapareceu o en-diabrado, ficando apenas o *diabo* per-

sonagem austero do auto de quinhentos, ensaio da sua missão...

Acabada a função, de novo no pórtico, enquanto esperam os autos que os levarão ao teatro, ei-lo meio diabo, meio homem. Diabo pela indumentária, homem porque tirou a cabeleira e a barba... Fala com todos, sorri a todos. Não é o actor, é o homem do mundo em elegante reunião, que o era; o conversador gentil, deixando pairar o seu espírito culto, enquanto fumava... boquilha negra, delgada, simples, os cigarros... oh! perdoa... a marca... isso interessa-te... esqueci-me! Como não fumo... apenas o perfume do tabaco, era agradável, talvez misto de essências orientais e Raúl visto assim (moreno, cabelo negro e luzidio, as sobrancheiras prolongadas à chinesa, envolto no fumo que subia) tinha o ar dum bronze oriental animado, que sorria, despreendendo mistério, o mistério do actor... muitos homens... falsos, num só verdadeiro...

Leitor amigo: Terminai. Perdão. A gulodice permitida saiu insípida, eu sei... Faltou-me a mão para os condimentos, mas tu que és gentil, amável, tu que devoras páginas inteiras das revistas hollywoodenses só para saberes a cor dos sapatos ou dos olhos do Ramon ou da Garbo, perdoa; não soubeste muito, nem de interêss, mas o que leste é verdadeiro e não *standardizado* à americana como os relatos dos divórcios ou dos ordenados das estrélas.

Adriana.



ERIC VON STROHEIM

O génio insubmisso de Hollywood

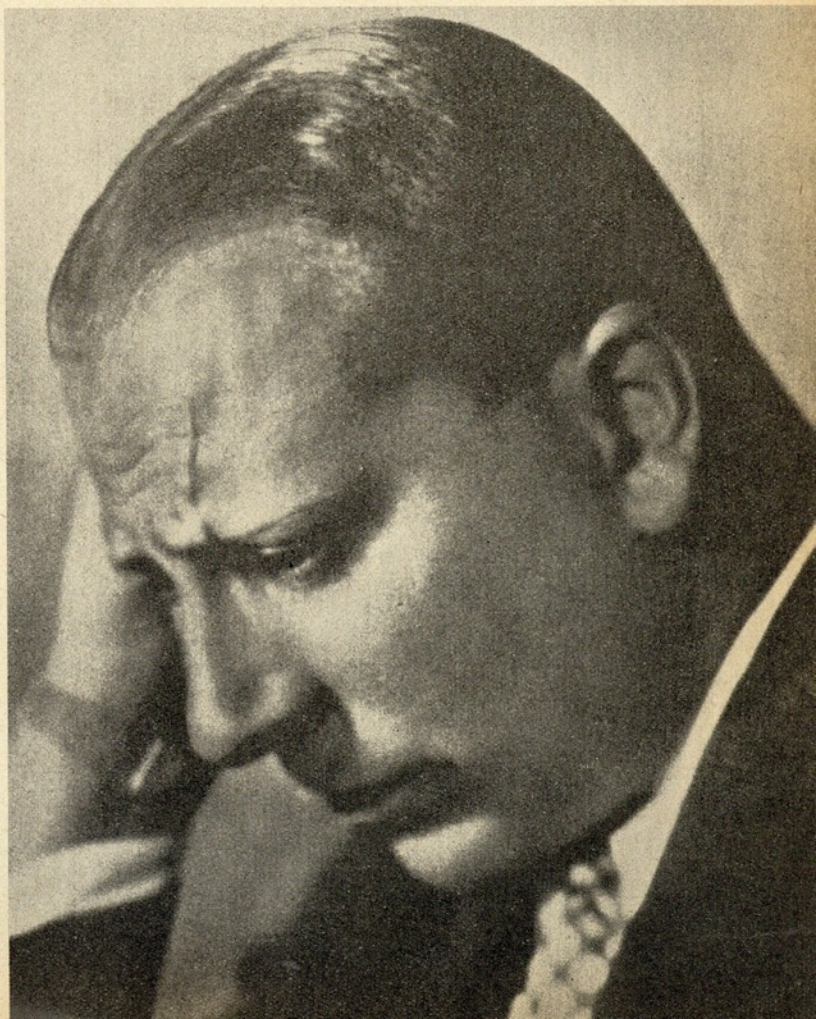
Cet homme vit ce qu'il joue, et il hait ce qu'il vit!

Toutes les œuvres de Stroheim ont élargi et confirmé cette première impression, œuvres engendrées par la haine par une haine infernale, universelle, sans exception; une haine qui se tourne aussi contre celui qui l'exprime et contre la haine même.

(RUDOLF LEONHARD)

Erich von Stroheim é uma das mais curiosas e das mais notáveis figuras do cinema mundial. E, todavia, nem o seu nome aparece com frequência nos ecrãs, nem a sua personalidade extraordinária ou ao seu temperamento de tão rara grandeza, as revistas de cinema costumam dedicar um décimo sequer do espaço que constantemente oferecem às biografias idiotas e inúteis de artistas mediocres, sem talento e sem valor. Este facto explica-se facilmente. Como actor, falta-lhe o sex-appeal duvidoso dos fantoches de tela pelos quais o mundo inteiro delira. É feio, deslegante, grosseiro, brutal; de olhar firme, cortante e frio; de sorriso sarcástico, impertinente e desagradável. A sua cabeça redonda, mal feita e rapada, parece enterrar-se no pescoço — um pescoço impressionante, descomunal e rijo como o pescoço dum boi.

Como realizador, o seu feitio indomável, a sua vontade forte e insubmissa não se vergam nunca às exigên-



cias da exploração comercial. Nem a ruína, nem a miséria, o obrigam a ceder passo àquilo que ele não sinta, ou que ele não pense, ou que ele não queira. Enquanto outros realizadores se subordinam às leis que regem a indústria cinematográfica e às aspirações (nem sempre superiores mas em parte justas) dum público que vai ao cinema para ver filmes a seu gosto, Stroheim é quasi quixotesco defendendo a integridade da sua personalidade numa teimosia pertinaz de que nada nem ninguém conseguem demovê-lo. Dai a sua impopularidade e o seu fracasso, que mais dia menos dia lhe fecharão de vez as portas de Hollywood...

Erich Oswald Hans Carl Marie Stroheim nasceu em Viena em 1885, filho dum coronel do estado-maior austriaco. Foi graduado pela Academia Militar Imperial e demitido mais tarde por ter desobedecido a um superior. Em 1909 desembarcou nos Estados- Unidos sem um centavo. E durante cinco anos, exercendo por vezes as mais humildes profissões, lutou desesperadamente pela vida, a dois passos da fome e da miséria. Em 1914 os seus conhecimentos sobre a etiqueta militar do seu país grangearam-lhe um pequeno lugar num filme chamado «Old Heidelberg». Durante a guerra, Stroheim foi chamado a interpretar, em diversas fitas, o papel dum antipático oficial prussiano («For France», «The Unbeliever», etc.). Mas o fim da guerra foi o fim do seu emprego. Passados, porém, alguns meses, Carl Laemmle autorizou Stroheim, que então se encontrava em péssima situação financeira, a realizar um filme segundo um argumento que ele próprio escrevera. As despesas — e essa era uma das condições — não deviam ultrapassar vinte e cinco mil dollars. Stroheim deitou mãos à obra, realizando «Blind Husbands», um melodrama de intriga amorosa, à maneira europeia, cujo custo afinal foi além de oitenta e cinco mil dollars... Mas o filme fez sucesso. Logo a seguir realizou «The Devil's Passkey», para o qual fôra feito um orçamento

não excedendo \$75.000 mas que veio a custar \$185.000, antes mesmo de estar terminado. O seu terceiro filme foi «Foolish Wives» (1922). Stroheim escreveu o cenário, dirigiu a realização e interpretou o principal papel. Para essa produção fôra destinada uma verba de \$250.000. Como de costume, antes de terminada a filmagem já Stroheim tinha gasto um milhão de dollars! «Foolish Wives» exibiu-se mesmo por concluir, terminando abruptamente por uma legenda. A-pesar-de tudo o filme fez sucesso, mas Irving Thalberg, que nessa altura tomara cargo da produção da Universal, despediu-o sem lhe permitir que terminasse «The Men Go-Round» que já estava em vias de realização. A Metro, porém, resolveu contratá-lo dando-lhe «carta branca» para transpôr para a tela a novela de Frank Morris: «Mc Teague» da qual se diz que Stroheim alimentava de há muito o desejo de fazer um filme. Gasta uma fortuna e ao fim de longo tempo, Stroheim apresentou à Metro um filme violento, brutalmente realista, e que levava dez horas a exibir!... De 42 bobinas o filme foi reduzido a 10 e lançado no mercado com o título de «Greed». Foi um completo fracasso. Mas aqueles que viram o filme integralmente dizem ser, não só a melhor obra de Stroheim, mas também uma das melhores obras do cinema americano. A propósito de «Greed» escreveu Charensol:

«Stroheim acumulou neste filme tôdas as brutalidades e todos os horrores, as situações mais desagráveis e os contrastes mais chocantes. É a obra dum misantropo e dum panfletário em que algumas cenas atingem a grandeza no odioso. O naturalismo levado sistematicamente a tais extremos ultrapassa a realidade para atingir uma verdade de pesado. Originalidade é uma palavra demasiado fraca para falar duma obra assim, que seria vão recomençar mas que mostra até onde pode ir o cinema na expressão da vida e dos sentimentos».

Logo a seguir a «Greed», Stroheim realiza «A Viuva Alegre», um filme comercial que obteve um notável sucesso,



Greta Garbo e Eric von Stroheim numa cena do filme: «Como tu me desejas».



e que foi a única condição imposta pela «Metro», ao autorizar a transposição para a tela do enorme romance de Frank Morris. Em Junho de 1926 Stroheim começa a «Marcha Nupcial», para a Paramount. Durou um ano a realização deste filme. E resultou tão longo que a Paramount resolveu não o aceitar. Stroheim sugeriu então que o filme fosse exibido de duas vezes com um intervalo para os espectadores poderem ir jantar... Depois de longas questões, que demoraram outro ano, a primeira metade do filme foi reduzida a dez bobinas, apesar dos vivos protestos de Stroheim, e finalmente apresentada a público. À «Marcha Nupcial» seguiu-se «Queen Kelly». Mas, ou por causa do advento do sonoro, ou porque Glória Swanson (que fazia a protagonista) não se achasse satisfeita, ou por qualquer outra razão, o caso é que o filme nunca veio a público na América. Depois do sonoro, Stroheim viu-se de novo obrigado a aceitar pequenos papéis em filmes dirigidos por outros: «The Great Gabbo», «Three Faces East», «The Lost Squadron», «As you Desire Me», etc. Recentemente a Fox chamou-o para dirigir «Walking Down Broadway», mas despediu-o antes de o deixar chegar ao fim — ao ver 26 bobinas de filme impressionado sem a menor esperança dum tangível resultado comercial... (1).

Disse há pouco que Stroheim é uma das mais curiosas figuras do cinema mundial. Mas o maior elogio que se lhe pode fazer é considerá-lo um caso único na história do cinema americano. Stroheim é um criador. Vivendo exclusivamente do cinema, ele faz do cinema menos o seu modo de vida do que o meio de exteriorização do seu sentir. Por isso nada lhe importa. Produz levado por uma necessidade interior e regido apenas pelo seu temperamento, pelas suas convicções e por uma surda revolta contra a vida.

«A carreira de Stroheim, escreve Dwight Mac Donald, apresenta duma forma intensificada o dilema de todos os

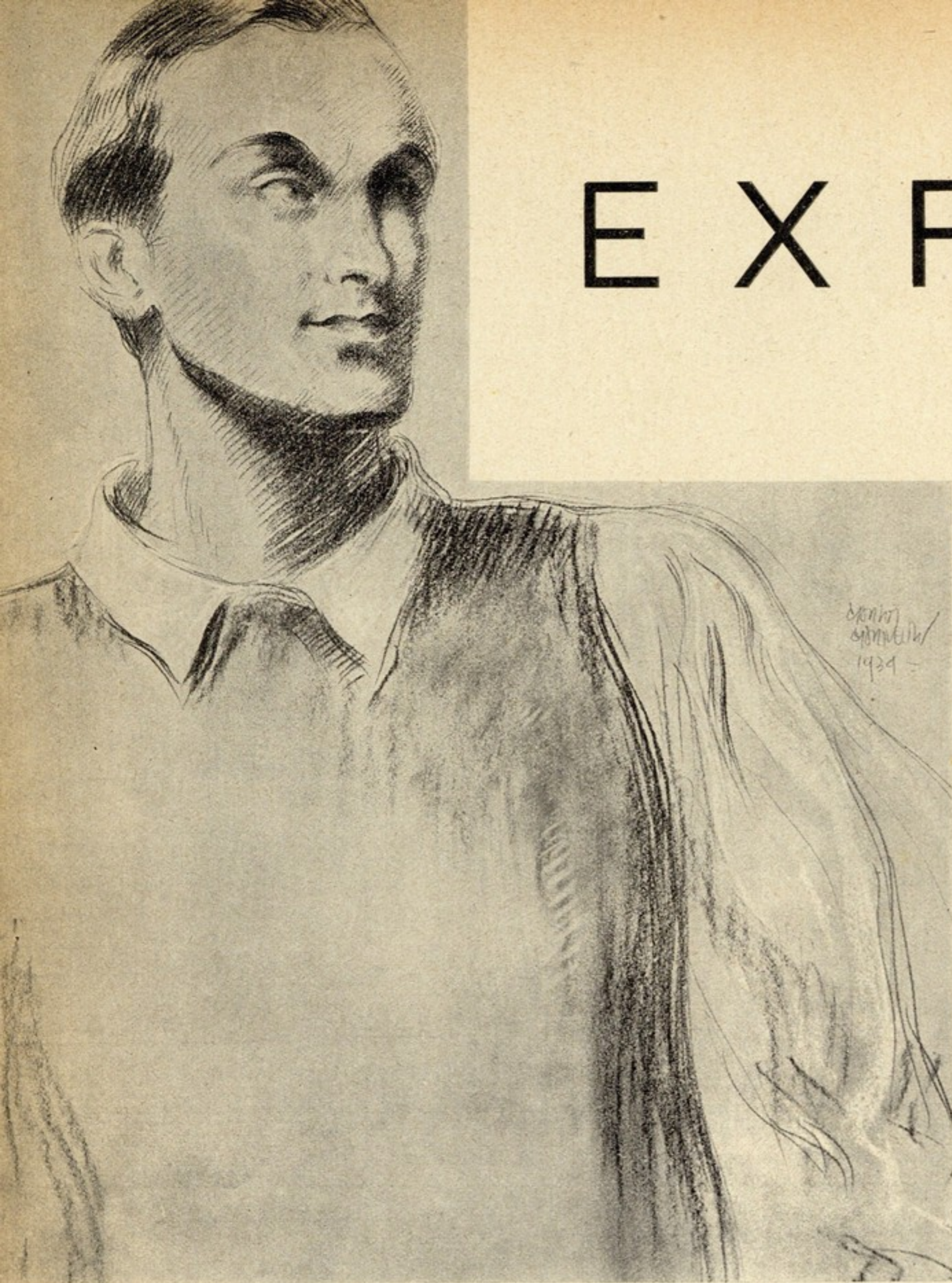
verdadeiros artistas de Hollywood. Os seus conflitos com o fim comercial da indústria são os dos seus colegas e o seu fracasso o deles. Mas enquanto os outros transigem, com maior ou menor sucesso, tal transigência é, por temperamento, impossível a Stroheim. E é Stroheim o único exemplo que se pode encontrar em Hollywood de um artista que subordina tudo àquilo que ele considera a sua arte. Quando faz um filme, Stroheim perde por completo toda a noção do tempo, do dinheiro e da paciência humana. Obriga os seus actores a trabalhar até às quatro da manhã se tanto achar que é preciso e não vê razão para que o público que vai ao cinema não queira assistir durante dez horas à passagem dum filme — se ele levar dez horas para exprimir com absoluta justeza a sua ideia. De facto ele é tão indiferente para com as reacções do público como para com os interesses dos produtores por conta de quem trabalhe. Para Stroheim, fazer um filme é uma intensa experiência pessoal que ele toma demasiado a sério. E não compreende que Hollywood esteja ali só para se ganhar dinheiro e que a «obrigação» do realizador é filmar, tão economicamente e tão depressa quanto possível, uma fita que a gente pague para ir ver».

Mas Stroheim começa por desconhecer o valor do dinheiro...

E acima de tudo ele é sincero. «E a sinceridade em arte é, nem mais nem menos, do que a origem da própria arte». Ora a sinceridade de Stroheim revela-se na sua obra por uma constante rajada de ódio incoitado, de ódio criador.

A sua tendência para um vincado realismo não é especulação. É o resultado duma espécie de raiva interior que o conduz, que o domina, que jorra de cada uma das suas interpretações sempre perfeitas, de cada um dos seus filmes, construídos sempre com uma extraordinária meticulosidade em que a expressão cinematográfica atinge o mais elevado grau.

(1) Elementos colhidos na revista americana «The Symposium».



EXPOSIÇÃO

DE

RETRATOS

DO

PINTOR

CARLOS CARNEIRO



Contava-me meu pai, que intimamente privou com os dois Bordalos, pai e filho, que um dia, invejando acerbamente Manuel Gustavo pela sua negligência e desperdício do seu real talento de artista não procurando criar e definir uma obra sua, este lhe respondeu num desolado encolher de ombros:

— Tu que queres, meu velho, se eu trago o nome de meu pai às costas?...

Ora eu sei, por experiência própria quanto é difícil, e doloroso até, magoar que seja com a nossa obra, a obra de alguém, para nós tão sagrado, quanto é certo que esse alguém foi a nossa verdadeira razão de ser.

Estou profundamente convencido que Carlos Carneiro, não nesta, mas em todas quantas exposições tem feito, há-de ter pensado muita vez ou sempre, que pensaria seu pai ao ver a sua obra, que defeitos e qualidades apontaria, como de-certo fez em face das suas primeiras tentativas felizes e não será, de-certo também, sem um profundo desespero todo íntimo que, sem ninguém o suspeitar, o levara por força, no silêncio do seu atelier, examinando e dando o retoque final na obra acabada de momento, a evocá-lo com uma voz ciciada que só ele ouvirá, e proferir entre lágrimas:

— Está certo?...

Todos os outros, os amigos, os indiferentes, os críticos e — os asnos emfim, poderão vir e pousar a última palavra mágica sobre a obra exposta, que nada disso valerá mais, como consolação ou castigo do que essa resposta para sempre muda.

Carlos Carneiro então, como tantos outros nas mesmas circunstâncias, há-de ter por isso um desdém supremo por quanto se possa dizer dele, mal ou bem, sem o inefável auxílio daquele que nunca mais volta nem jámais será substituído.

O que eu posso, portanto, dizer de Carlos Carneiro, tanto aquenta como arrefenta para ele e ainda bem.

Eu sou muito seu amigo e ao mesmo tempo um grande admirador da sua arte, particularmente pela feição que imprimiu aos seus últimos trabalhos dando-lhes maior firmeza e maior individualidade. Custava-me a mim, que tenho um horror quasi instintivo de lisongear que a expressão da minha muita admiração fôsse tomada como lisonja do amigo. Que os outros ou o público o pense, não me interessa visto como raro escrevo ou falo que não seja para me desanuviar dos macaquinhos que pululam cá pelo sótão e me afligem; mas que o viesse pensar o próprio Carlos Carneiro alligia-me sobremaneira. Só então, acordando em mim uma suave e terrível preocupação que enche toda a minha vida e que por força deve ser a dele, eu concluí:

— Tanto se importa ele que eu diga bem ou mal.

Pois eu digo bem e talvez a forma por que o digo seja consequência do quanto ele se possa importar como eu o diga.

Há em todos os seus retratos um ar tão simples, tão subtil e perigrino de intimidade e de conforto espiritual, uma quasi feminina delicadeza da compreensão daqueles que serviram de pretexto aos seus retratos, que desvanee aquele mesmo que de arrocho em punho e ralhando sempre, a saliva suja dos plebeísmos a escumar-lhe nas comissuras, fala de arte como quem fala, salvo seja, de equitação porque a sua boa linguagem é invariavelmente de estrebaria: de arte só terá a de cavalgar toda a sela. E digo pretexto para



os seus retratos porque os desenhos de Carlos Carneiro nos surgem como uma conversa íntima, um monólogo travado consigo próprio sobre aqueles que tiveram a feliz dita de por ele serem retratados. Quasi distraído, ou antes, aparentemente distraído, Carlos Carneiro vai apontando em traços leves como um fio de teia tudo quanto vai surpreendendo mais na fisionomia íntima do que aquela que lhe vai gravada no rosto. Nisto há o valor e toda a originalidade da sua obra. Retratos como o de Armando Vieira Pinto, como o de Ramiro Mourão, o da Espósa do Artista e do seu Filho e tantos outros são verdadeiras maravilhas de graciosidade e de beleza intrínseca. E isto basta para que se possa dizer que Carlos Carneiro é já plenamente senhor de si, da sua técnica e da sua arte emfim. Carlos Carneiro, pois, triunfou mais uma vez como aliás tinha obrigação de triunfar e por isso mesmo o «Movimento» o abraça comovidamente.

L. G.

V A L A

Uma carta do actor Raúl de Carvalho

O actor Raúl de Carvalho, sentindo-se visado sem justiça por uma local do nosso número 23 acaba de escrever ao nosso director, rogando-lhe a publicação dos períodos da sua carta que mais próprios lhe pareçam para o justificar. A local publicada no nosso número 23, tinha o título «Desinteresse» e referia-se a algumas afirmações postas na boca do actor Raúl de Carvalho pelo sr. Fernando Fragoso, ao publicar uma entrevista por aquele actor concedida, por seu intermédio, à revista onde vai ganhando a vida.

Com o maior prazer satisfazemos o desejo do actor Raúl de Carvalho, transcrevendo alguns períodos da sua carta:

Na entrevista a que acima nos referimos, pode ler-se, a certa altura, o seguinte:

«A Tobis está trabalhando afanosamente, diz-se! Está nela, sem dúvida, o futuro do cinema nacional!»

Da carta do actor Raúl de Carvalho transcrevemos: «Quanto ao futuro da nosso cinema também não disse que estava na Tobis. Que me perdoe a Tobis, mas não fiz excepção. Disse ao meu querido amigo Fraga (a entrevista é assinada pelo sr. Fernando Fragoso) que fizesse um apelo a todos os produtores e que o cinema português tinha futuro lembrando-lhe que a Tobis agora tinha gente mossa à frente e que devia trabalhar».

Da mesma carta, e para boa compreensão do leitor inteligente a propósito do fundo oculto das coisas, transcrevemos outro período:

«A respeito de Gado Bravo disse isto mesmo que está escrito na entrevista, só com a diferença que acaba assim: E se Gado Bravo for o que eu penso, há que fazer justiça à persistência, à coragem e à alma dum português que se chama H. da Costa».

Esta parte final não foi publicada na entrevista, o que torna as coisas claras como água. Foi com o maior prazer que concedemos ao actor Raúl de Carvalho a satisfação que amavelmente nos pediu (quando tinha o direito de a exigir).

E foi também com o maior prazer que entregamos ao sr. Fernando Fragoso, ou ao sr. Fraga, não sabemos bem, aquilo que muito de direito lhes pertencia.

Um enigma

O Sr. Cotinelli Telmo, arquiteto de valor e realizador cinematográfico em princípios de estudo, fez a «Canção de Lisboa» sósinho, sem o auxílio de ninguém. A Tobis assim o entendeu.

O Sr. Leitão de Barros, realizador de cinema com as suas provas feitas, vai realizar «As pupilas do Senhor Reitor» super-visionado por um estrangeiro. A Tobis assim o entendeu, também.

Pretos sejamos nós se percebemos...

La Wally

Os cinéfilos não gostaram deste filme. Pelo menos foi o que se fez correr. É certo que nem sempre corre «a verdade, toda a verdade e só a verdade...» Mas os amadores de ópera vão certamente gostar, visto que a partitura se encontra no filme, completa e maravilhosamente bem cantada.

A nossa revista

O próximo número da nossa revista, primeiro do segundo ano, vai causar um sucesso. A revista vai mudar de formato, de capa, de papel. As secções estão sendo estudadas por todos nós, com o maior cuidado, tendo sempre em linha de conta as cartas que nos tem sido enviadas pelos leitores fieis. MOVIMENTO de facto, não podia cristalizar...

Josefina Baker no cinema

Josefina Baker, a celebre bailarina negra, será a protagonista de um filme realizado por Marc Allégret com fotografia de Michel Kelber.

Eugénie Grandet

A obra prima de Balzac vai novamente ser filmada, por um dos melhores realizadores franceses de que se ignora, por enquanto o nome.

Zola e Offenbach

A Societé Parisienne de Production, produtora do filme tão elogiosamente acolhido pela critica «Lac aux dames» vai filmar «La bête humaine» de Emilio Zola e «La vie parisienne» de Offenbach.

A Dama das Camélias

O imortal romance de Dumas, Filho, vai novamente ser levado ao écran. As filmagens serão dirigidas por Abel Gance e os principais papeis interpretados por Yvonne Printemps e Pierre Fresnay.

Votre Sourire

«Votre Sourire» é uma comédia de que são autores Birabeau e Dolley cujos trabalhos de filmagem prosseguem activamente nos studios de Neuilly, com Vitor Boucher e Marie Glory nos principais papeis.

Tartarin de Tarascon

A «troupe» de actores e técnicos no filme «Tartarin de Tarascon» partiu para a Provença, debaixo da direcção de Raymond-Bernard, a-fim-de filmar as últimas cenas para o filme tirado por Marcel Pagnol da obra-prima de Alphonse Daudet.

O novo filme de Armand Bernard

Prosseguem activamente nos studios G. F. F. A. os trabalhos de realização do filme «Secret d'une nuit» com Armand Bernard, Albert Préjean e Germaine Rouvet nos principais papeis.

Maurice Dekobra

Uma nova obra de Maurice Dekobra vai ser filmada. Desta vez o romance escolhido foi «Minuit Place Pigalle» que já, vimos, com Nicolas Rimsky no papel central. O realizador será Roger Richebé e os trabalhos iniciar-se-ão em meados do mês corrente.

A produção da Ufa

Na Ufa, em Neubabelsberg procede-se actualmente à montagem dos filmes «Princesa das Czardas» e «A vida é bela», continuando simultaneamente a realização de « regresso à terra natal» e «Os Isolados». No passado dia cinco iniciaram-se as filmagens do filme «O jovem barão Neuhaus» (título provisório) sendo os principais interpretes da versão francesa Fernand Gravey, Lucien Baroux e Anny Ducaux.

A semana do filme em Berlim

Decorre actualmente em Berlim a Semana do Filme. Os melhores filmes da estação são reprisados no Capitólio, encontrando-se, entre esses, o filme muito nosso conhecido: «Sob os telhados de Paris».

O triunfo de «La Bataille»

Após o sucesso monstro que conseguiu no Capitólio, de Berlim, o filme francês «La Bataille» passa actualmente no Marmorhaus. Este filme foi considerado «artístico» beneficiando de uma importante redução nos impostos.

Austria diminui os direitos de importação dos filmes estrangeiros

Na Austria acaba de ser publicado um decreto reduzindo provisoriamente os direitos de importação sobre os filmes estrangeiros com legendas em alemão. Semelhante medida, que muito aproveita às casas distribuidoras americanas, já fora tomada o ano passado nesta mesma época.

A nova tarifa entrou em vigor no dia 16 de Junho.

A situação económica do cinema americano melhora

Estatísticas recentes, publicadas no «Sales Management» revelam um vigoroso levantamento da indústria americana do filme.

Os salários pagos nos estúdios californianos no curso de 1933 aumentaram 90,4% em relação ao ano anterior. A mão-de-obra empregada acusa um acréscimo de 101,7%, o que é de-veras apreciável.

As receitas dos filmes, com relação ao mês de Março de 1934, acusam um aumento de 26,6% sobre o mês correspondente, de 1933.

Como vemos as coisas melhoram... e ainda bem.

Como represália

Dando como causa da sua resolução que vários filmes da mesma origem tinham apresentado personagens polacos em papéis de criminosos, o governo da Polónia acaba de proibir a entrada no seu território aos filmes Warner Bros-First National.

Um conflito na Austrália

A propósito de uma questão da percentagem a pagar sobre as receitas dos filmes, acaba de travar-se uma guerra comercial entre alguns distribuidores de Sidney e a General Theatres Corporation, Lt.ª, e a General Theatres Corporation é uma grande companhia a quem pertence, na actualidade a exploração de todas as grandes salas australianas. A Metro Goldwin Mayer, assim como a Warner Bros-First National, decidiram apresentar os seus filmes nas poucas salas independentes da cidade. Por sua vez a General Theatres Corporation, decidiu apresentar todos os filmes americanos sem a menor publicidade.

Uma nova ópera no écran

A Cérés Films vai adaptar ao écran as «Cenas da Vida de Boémia». O acompanhamento musical do filme será tirado da partitura de Puccini.

Fim de raça

Quando sair este número, já devem ter seguido para a Madeira os srs. Manuel Luiz Vieira, Bernau, Bernaldes & Eder, Verol, Sousa Santos, F. de Barros, Fernando Pinto, Alfredo Gomes que aí vão iniciar as filmagens do «Repos-teiro Verde», versão fonocinematográfica da conhecida peça do sr. Júlio Dantas. Parece que o filme tomará o título de «Fim de Raça». Para diversos papéis dessa nova produção indigitam-se os artistas Brunilde Judice da Costa, Alves da Cunha e Samuel Diniz. Consta, também, que o actor Raul de Carvalho foi convidado para desempenhar um dos principais papéis, convite que o simpático artista não se mostra resolvido a aceitar.

A América e a U. R. S. S. vão fazer um acôrdo para a troca de filmes

Continuam as negociações entre os dirigentes do cinema soviético e o representante do poderoso grupo Hays (William Hays é o ditador do cinema americano), a fim de estabelecer uma regular troca de filmes entre os Estados-Unidos da América e a U. R. S. S.

O Reino dos céus e o Camilo de Vasconcelos

Confundindo citação com transcrição o nosso Camilo de Vasconcelos continua insistindo em nos querer processar por não termos pedido a devida vénia para essas citações ao procurarmos demonstrar, de mais a mais, qual o estófico mental do supramencionado preopinante.

Desta vez o homem fala das amizades que num instintivo movimento de boa-fé, criou entre alguns dos nossos camaradas e promete fazer *chantage* com a correspondência particular recebida deles. Que mais será preciso? Só faltava o anúnciozinho ao advogado da sua causa perdida e até esse lá vem.

Está ou não com o reino dos céus no papo?

Lisboa-Film

Já regressaram do estrangeiro os directores da «Lisboa-Film», José Cesar de Sá e F. A. Quintela, tendo cumprido os seus desígnios de adquirir material de tomadas de som que será empregado na realização de filmes de curta e longa metragem.

Uma boa notícia

Chegaram-nos aos ouvidos diversas notícias que devem pôr em sobressalto os verdadeiros aficionados da arte cinematográfica.

Se a censura o permitir, é possível que se exibam entre nós, na próxima temporada, algumas produções soviéticas. Se assim suceder — e oxalá que suceda — teremos (enfim!) o ensejo de conhecer o desenvolvimento do cinema sonoro na U. R. S. S.... e não nos parece que a ordem pública corra os riscos de ser alterada...

Consta também que o maravilhoso fonofilm «A Luz Azul» será distribuído no nosso país. «A Luz Azul» é considerada pelos melhores críticos estrangeiros como uma das mais belas realizações dos últimos tempos. Oxalá o público saiba admirá-la!...

O dubbing continua em decadência

Da «Cinématographie Française» recortamos o seguinte: «... Voici maintenant le public des salles de quartier qui va voir régulièrement du film parlant étranger et qui le préfère aux versions doublées. Il est donc certain que dans les grandes villes le film doublé en français marque actuellement une certaine régression. En province on a mal accueilli des films doublés mais on accepte sans protestes les bons films parlés en langue étrangère.»

Ainda bem!

Gralhas

O artigo de António Lopes Ribeiro, publicado no último número de MOVIMENTO, saiu cheio de gralhas, algumas das quais nos vemos forçados a rectificar:

No 6.º parágrafo, onde está «passo» devia ser «paseo»; no 9.º, vem «sublinham» em vez de «sublinham»; no 10.º, saiu «enfeitar a tradição» em vez de «respeitar a tradição»; no 11.º, está uma frase que não faz sentido: «parece um padrão a assinalar a pureza ignorada do campino», onde Lopes Ribeiro escreveu: «parece um padrão a assinalar a proeza ignorada dum campino»; no fim da 2.ª coluna, onde se lê «caçamento» devia ser «laçamento»; e na 3.ª linha da 3.ª coluna saiu «compreendem» em vez de «compreendam».

E oxalá esta errata não saia também gralhada.

COMUM

CRÍTICA

DE FILMES

A mulher das Cabelas Vermelhas

— O filme não vale grande coisa. É a história velha duma rapariga a entornar sex-appeal e a ferver em ambições de grandezas, que faz do seu corpo e do seu poder fascinante os degraus para a desejada ascensão.

Uma certa dose de pimenta bem repartida — estes americanos conhecem o público como ninguém!... — um bom desempenho e uma fotografia bonita, evitam que a fita seja uma sensaboria. Jean Harlow — até que enfim a ouvimos falar inglês! — tem realmente talento. Não tanto que mereça a publicidade que lhe fazem... Mas a verdade é que ela vai às mil maravilhas no papel que lhe distribuíram. O Lewis Stone — que é uma espécie de prato obrigatório nos filmes da Metro — continua a ser o bom actor de sempre. O Chester Morris — que não há forma de conquistar o público português — mostra que sabe o que faz mesmo num papel bastante falso, e o Charles Boyer — o grande Charles Boyer — também aparece, disfarçado do «souteneur»... Mas para esse papel, tanto podia ser a Charles Boyer como outro qualquer.

Os Homens devem lutar

— Se o argumento desta fita não estivesse tratado com uma certa debilidade, poder-se-ia tirar d'ele um grande partido... Mas os realizadores americanos (na sua maioria, pelo menos) não exprimem nunca as suas ideias, as suas convicções pessoais. Subjugam a sua vontade à vontade de outrem. E, na maior parte dos filmes americanos, sente-se que o realizador não tem nada que dizer. É sem entusiasmo, sem o menor esboço de qualquer força impulsiva interior, sem convicção, que êle faz um filme. Daí a maneira hesitante como certos argumentos são tratados, acarretando para nós um constante e penoso desapontamento.

Os Homens devem lutar, se o encararmos sob determinados pontos de vista, é um filme interessante e até, de certo modo, digno de especial atenção. Mas não é claro nem firme na exposição das ideias que encerra. E, no fim, ficamos em dúvida ao procurarmos acertar naquilo de que o realizador nos quis convencer. Essa dúvida vem justamente de, na verdade, o realizador não ter querido convencer-nos sinceramente de coisa nenhuma... pois que êle próprio prova não ter uma ideia fixa sobre o tema que ver-

sou... E assim, confesso-vos, ao pensar neste filme, que não vi com indiferença, não sei se o deva tomar a sério (a-pesar-de tudo), se acreditar que êle não passa, afinal, de pura sofisticação...

Tênicamente o filme está bem construído. Boa descrição visual, boa montagem e boa fotografia. E, como sempre em filmes americanos — faça-se-lhes justiça —, um bom grupo de actores dá ao desempenho uma agradável segurança e um excelente equilíbrio.

Krakatoa — A Academia Americana das Ciências Cinematográficas classificou *Krakatoa* como o melhor documentário de 1933. Bem merecida foi essa classificação. *Krakatoa*, como documentário-reportagem e como filme instrutivo ao qual a beleza constantemente se alia, merece um lugar de honra entre os melhores filmes do ano!

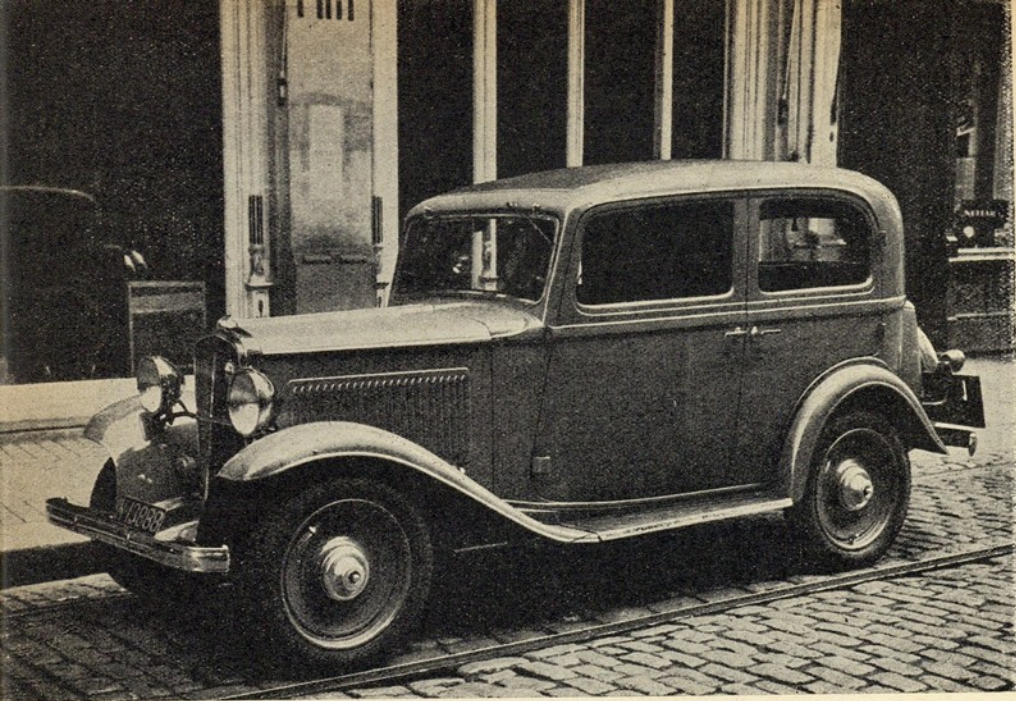
Roubaram um homem — Aqui está o que se chama um filme sem sal. Sem sal e sem coisa nenhuma. Porque afinal — e que Erich Pommer me perdoe — a fita parece obra dum artifice a que não assistiu a fiscalização dum artista cheio de glórias e de nomes pomposos a aureolar-lhe o nome... E depois, esse Henry Garat está cada vez mais parvo. Até faz aflição... E a Lily Damita... eu nem vos digo mais nada.

Mas a fita entretém. É o que vale.

Vou contigo à Estratosfera — Uma comédia engraçadíssima que eu estava longe de esperar. Não tem grande valor técnico, confessemos, mas tem pilhas de graça e meia dúzia de «gags» colossais. E então esse velho Szöke Szakall conquistou-nos a todos definitivamente. Um bom actor, não tenham dúvidas.

A Alegria de Viver — Um filme para comover meninas sensíveis que leem romances baratos... Distrai, mas não vale nada. É uma historinha insípida, sem importância... mas há muito pior. A Janet Gaynor cristalizou. Não sai daquilo. Mas é agradável vê-la no écran. O Warner Baxter quasi não tem que fazer das suas extraordinárias qualidades de actor. Mas o que fez, fez bem como sempre.

Alves Costa



Êste é o magnífico FIAT — Balila que constitui o SEGUNDO PREMIO do nosso NÚMERO DE VERÃO. E' um carro pequeno, económico, de condução prática e facilíma. Em suma um carro moderno digno de ser escolhido para prémio aos leitores de uma revista moderna.

O Número de Verão

Continua despertando o maior interesse entre os nossos leitores e entre o público em geral a iniciativa de publicação do nosso NÚMERO DE VERÃO.

Semana a semana os nossos correspondentes da provincia vão dando nota das inscrições colhidas na área de sua agência, mostrando-nos sempre uma actividade e uma boa vontade que profundamente nos alegram.

Dois grandes diários do Pôrto, « O Primeiro de Janeiro » e « O Jornal de Notícias » puseram-se gentilmente ao nosso lado, apoiando, nas suas colunas. Fê-lo, o primeiro, por intermédio do nosso assinante, e seu co-proprietário, senhor Manoel Pinto de Azevedo (Filho) e o segundo pela interferência gentil da ilustre escritora Senhora Dona Aurora Jardim Aranha. Agradecemos sensibilizados a amabilidade e a boa camaradagem que representa o apoio citado, tanto mais que outras grandes organizações existem dificultando, como podem, a nossa iniciativa, que a-pesar-disso, temos já a certeza de levar a bom têrmo pois possuímos, a mês e meio de distância do fecho de inscrição, as assinaturas necessárias para a efectivação do nosso NÚMERO DE VERÃO,





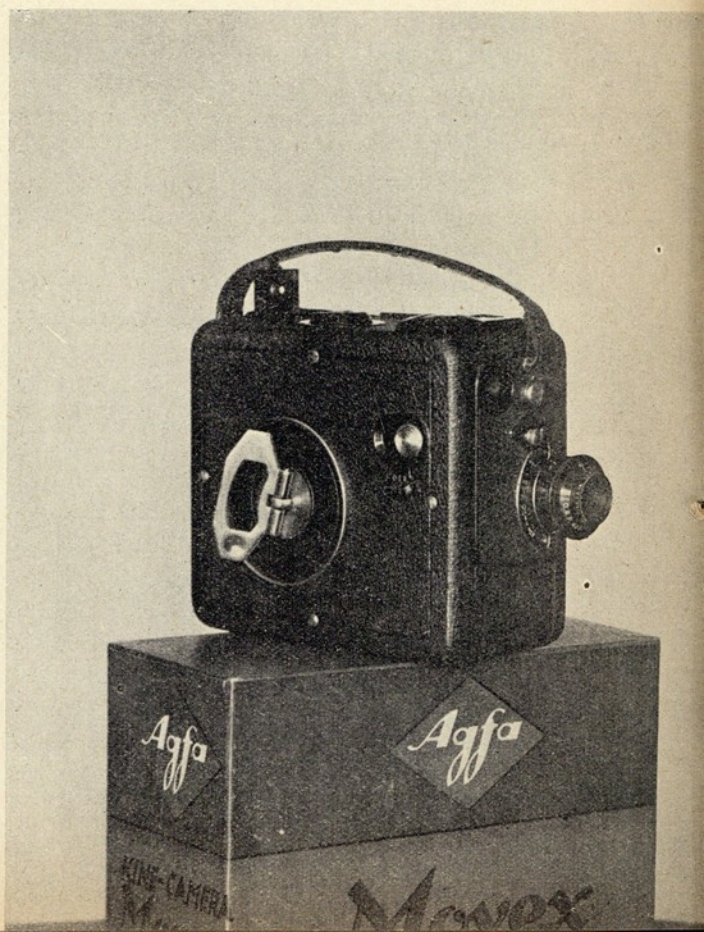
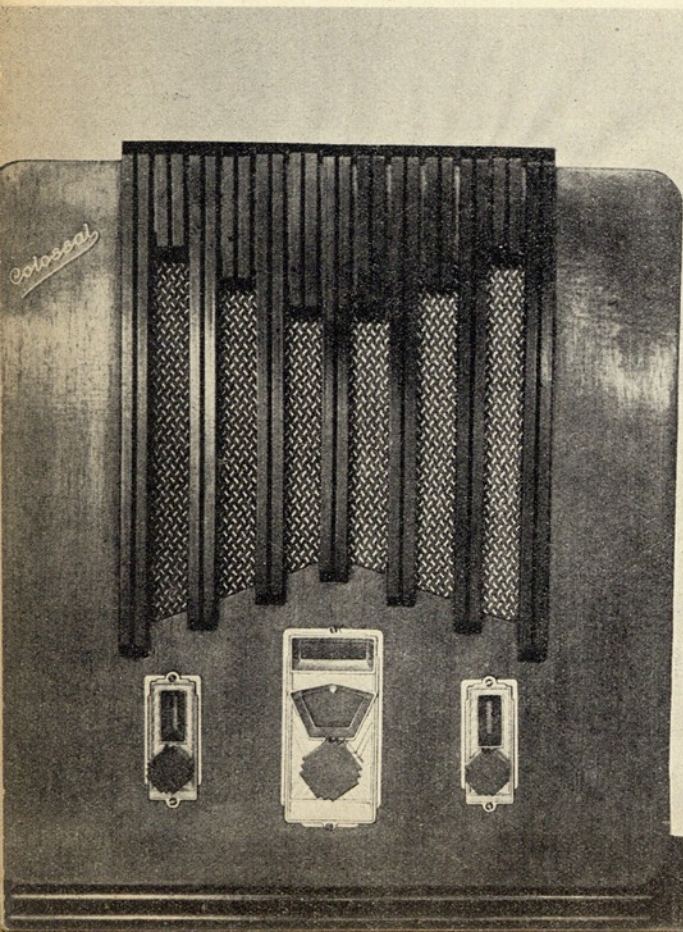
Eis a MOBÍLIA DE SALA DE ESTAR que os Grandes Armazens Nascimento nos ofereceram para ser o QUARTO PRÊMIO do nosso sorteio.

Consta de 9 peças, primorosamente construídas em contra-placagem e luxuosamente estofadas a veludo de fantasia.

UM APARELHO DE RÁDIO é um prêmio que interessa a tôda a gente. O que a nossa gravura representa, porém, não se limita a ser um aparelho de rádio vulgar. E' um «Colossal» a grande marca representada em Portugal pela Sociedade Comercial Luso-Americana.

UM APARELHO DE FILMAR Agfa-Movex, não podia deixar de constituir um dos PRÊMIOS do nosso NÚMERO DE VERÃO.

O Agfa-Movex é dotado de uma objectiva que lhe permite filmar interiores, com a mesma perfeição dos exteriores, sendo além disso, de manejo fácil e muito económico.



O Mecanicismo

Perdoai-me não principiar como vocês supunham que eu principiaria, isto é, com palavras quentes de fé, de alegria comunicativa e fraterna, de bom entusiasmo optimista (o optimismo é uma espécie de cosmético intelectual de imaginativos cinéfilos) ou emfim daquela disposição calma e feliz de quem tem uma digestão bem feita.

Lembrem-se vocês de que vivemos num momento singularmente estranho e complexo, trespassado de imprevisito e duma angústia que nós próprios não sabemos muito bem explicar, mas que nos galvaniza os nervos e nos torna incoerentes, senão muitas vezes ridículos, duma maneira aliás dramática e dolorosa sempre.

De há meio século para cá a vida tem tomado uma amplitude e uma complexidade crescentes atingindo uma expressão caótica cada vez mais profunda; e a rapidez crescente das transformações revela a característica fundamental da nossa época. Demais a mobilidade da vida vai tomando uma velocidade progressivamente acelerada que já não se lhe pode descortinar um objectivo ou encontrar um limite. Todas as formas do mundo sensível e não menos do nosso mundo interior, se exprimem em movimento — não aquele movimento aritmético ou de escala com etapas definidas de percurso e categorias de concorrentes (não há Trindades que cheguem em primeiro lugar nem Nicolaus que desistam) — mas sim este movimento explosivo de indole bergsoniana, isto é, este movimento de torrente que num tumulto se precipita chofrante e torvo na voragem do tempo sem margens...

Dessas transformações, as mais surpreendentes são as que tem afectado a civilização material. Desde os tempos primitivos ao principio de século passado as possibilidades técnicas sofreram uma evolução muito lenta, pouca diferença havendo entre a utilização das diferentes épocas, embora as mais remotas. Mas de 1850 em diante pode dizer-se que o mundo entra numa nova fase astronómica, porque até o próprio eixo do mundo parece acusar aquele mesmo desequilíbrio que se verifica nos homens. Os rápidos progressos da actividade científica cada vez mais intensa e especializada vêm transformar totalmente as condições da evolução económica e por consequência da vida dos povos e do concêrto das nações, baralhando e destruindo todo o sólido arranjo das coisas e das instituições. Aproveitando-se dos seus benefícios, os homens vão tomando conta da importância que a aceleração dessa mesma actividade científica e seus feitos desempenham na vida, atirando consigo próprios para um desvaireamento terrivelmente febril de que os E. U. A. são exemplo acabado com a opressão esmagadora do seu mecanicismo. As forças incontinentes da Natureza vão sendo sistematicamente substituídas pela força abusiva do homem.

Entramos assim no mundo da vertigem, da precipitação incontinente duma vida que se escoia sem direcção nem sentido, nem motivo, nem compensação, nem ritmo, porque é uma vida rápida e incisiva de alucinações instantâneas. Num céu opaco e negro de carvão, recorta-se a paisagem cubista dos arranha-céus que, à luz crua e metálica de milhares de milhões de volts, realizam emfim o velho sonho dos Ciclopes preparando-os para a escalada decisiva ao som dum cântico infernal de ferragens que tilintam torcendo-se em frenesins de abraços, engrenagens que se trituram, cadeados lascivos que se arrastam, cântico de que afinal o jazz é a expressão trivial.

Isto, enquanto o espaço vai sendo rigorosamente reprimido pelo tempo que por sua vez se desvanece e dissipa aos nossos olhos. Para além de todos esses grandes prodígios de velocidade dos expressos, dos transatlânticos, dos aviões, o homem pode no mesmo instante abraçar o mundo inteiro pondo-se em contacto immediato com os seus mais remotos confins, em corpo e em espirito, mercê da televisão e da T. S. F.

Ao lado, porém, de todo este incessante esforço de invenção e transformação do momento actual, dois acontecimentos

o Cinema e o Regresso à Natureza

não menos importantes vêm exprimir a simbólica desse esforço, constituindo por si só um arquivo vivo da humanidade e dando um sentido novo e uma nova expressão à nossa sensibilidade: o gramofone e o cinema. Uma vez unidos numa só expressão, pelos sistemas vitafone ou melhor ainda movietone, o êxito tornou-se completo.

Com efeito, depois de ter passado pela primitiva fase dum passatempo feliz, o cinema veio dar origem, pelos meios singulares de expressão de que dispõe, a novas formas de arte e com elas as novas manifestações, condições e ideais de vida.

O cinema criou já uma estética, isto é, a arte cinematográfica tem já a sua filosofia. Ela exprime justa e directamente, na totalidade e na plenitude da sua extraordinária complexidade, esse movimento explosivo que constitui o caracter dominante desta civilização mecanicista. Nenhuma outra forma de arte nos dá como o cinema a ansiedade, a incontinência e a angústia que caracteriza a vida de hoje e o conflito proveniente da multiplicidade de interesses e necessidades cada vez mais caprichosas que ela cria quasi para a vertigem e para a loucura emfim.

Vocês recordam-se talvez do «Asfalto» realizado por Joë May e com certeza duma das mais extraordinárias glórias de Fritz Lang a «Metropolis», ambos os filmes ainda do tempo do cinema mudo: «Asfalto», e «Metropolis» onde Brigitte Helm toma a expressão duma singular *mulher metálica*, são a síntese de toda essa ansiedade, incontinência e angústia. «Metropolis», sobretudo, será certamente a Apocalipse dos tempos modernos e eu tenho perguntado a mim mesmo se Fritz Lang, uma vez liberto das influências da imaginação escaldada de Thea von Harbou, com sua privilegiada inteligência de realizador e seus geniais processos de aproveitamento de sons, não pensará em dar-nos uma versão sonorizada desse filme para que, emfim, possamos ouvir em vida os clarins do Juiz Final.

Façam vocês ideia do que seria então a «Metropolis» se pensarem em «Matou» ou no «Testamento do Dr. Mabuse» e no surdo ambiente de terror com que, pela justaposição de imagens e sons, Fritz Lang valorizava seus filmes.

Mas voltemo-nos para Pabst. Esse não é só o extraordinário realizador — esse é o artista. Há nele, além disso, um estremitamento de humor discreto e de séria humanidade que dão logo a medida do seu valor. A sobriedade e quasi simplicidade da sua técnica, a serenidade da sua compreensão e o equilibrio da sua sensibilidade, fazem de Pabst um intelectual onde não falta, ao lado da subtil delicadeza e leveza de espirito, uma incisiva penetração da consciência humana e um profundo conhecimento da dor. Haja em vista, tão só, como Pabst conseguiu dum livro quasi anecdótico e além disso inconsequente que é a «Atlântida» de Pierre Benoit, fazer uma obra superior de arte encontrando o mais vivo humanismo naquilo que Benoit não considerou senão como fictício e episódico. Pabst estava, pois, indicado para realizar o «D. Quixote» e creio que, em cinema sonoro, ninguém mais senão Chaliapine, o extraordinário intérprete do «Boris Godounoff» de Moussorgsky, o poderia compreender na sua peregrina e dorida humanidade.

Vocês lembram-se bem dele, do filme no São João-Cine, e não sei se vocês, que leram Cervantes, repararam na forma como Pabst condensou o romance dispondo as cenas que melhor valorizariam, não o romance, mas o filme, por um outro critério do qual resultava um progressivo aumento da sua intensidade dramática.

É Pabst, pois, quem nos pode dar duma maneira mais rigorosa, embora menos tumultuária e alucinante — porque Pabst é um clássico — toda aquela ansiedade, incontinência e angústia de que falei há pouco com consequência do mecanicismo da nossa civilização e característica da vida actual. Ele deu-nos primeiro no «Quatro de Infantaria» o sinal da tragédia, para depois, na «Tragédia da Mina» nos dar a expressão subterrânea de todo o conflito.

Oh! quem pode esquecer esse *travelling* da mulher que tropeça pelas ruas no rasto do camião de socorro que lhe leva o marido e esse outro do velho que desce à mina em escombros na cola do neto que a e'a desceu pela primeira vez! O eco da voz do velho patinando ao rês da água pelo corredor fora — a cento e tal metros de profundidade — ou o sinal de alarme do mineiro soterrado, martelando a fuselagem torcida como cordas partidas de violoncelos monstruosos.

Se de Pabst, porém, ascendermos agora até os grandes realizadores russos, veremos então aonde pode ir o cinema como manifestação de arte em toda a sua expressão pelo que o cinema russo (as poucas e minguadas amostras que temos desse extraordinário cinema russo) contém, de epopeia e lirismo, na espontânea revelação do realismo mais directo, ao mesmo tempo, forte e suave, meigo e dramático: simples, doce, alegre — e patético!

É o cinema russo que nos mostra a vida em toda a sua plenitude por forma a dar-nos, na intensa humanidade e flagrante verdade dos seus filmes, não já o mecanicismo característico da civilização actual, como tantas vezes o cinema europeu e sobretudo o horroroso cinema americano (salvo as excepções do estilo, para contentamento do nosso amigo Alberto Armando Pereira) — mas todos os sonhos, embora os mais subtis, e todas as paixões, embora as mais violentas, que tem estremecido o coração dos homens em todos os tempos e em todos os climas. Dziga-Vertov com o seu «Homem do aparelho de filmar», e Nicolay Ekk com o «Caminho da Vida» — infelizmente invisíveis em Portugal como certos eclipses — é Fedor Ozep com os «Irmãos Karamasoff» onde o génio de Fritz Rasp, na estranha interpretação de Smerdiakov, supre a deficiência de neste filme não surgir a figura de Alorba, porventura a mais curiosa do extraordinário romance de Dostoievski, é enfim Eisenstein com a «Linha Geral» e a peregrina beleza da «Romanza Sentimental».

Aparte, contudo, o caso especialíssimo do cinema russo, a grande característica da arte do cinema está em dar-nos por um processo totalmente novo, por completo alheio à indole mais ou menos discursiva e cenográfica do das outras artes, toda a dor da civilização mecanicista exactamente por aqueles outros processos que essa civilização lhe ofereceu e de que é filha.

Há a notar, porém, uma coisa curiosa: há tempos para cá parece operar-se no cinema uma transformação, embora discreta e lenta.

O mecanicismo característico da civilização actual parece deixar de preocupar os realizadores de filmes que começam dirigindo as suas atenções para os documentários da vida das selvas e dos selvagens, em perfeita oposição com esse mesmo mecanicismo de que está impregnada a nossa civilização. Parece que o cinema, filho mais querido desta, se vai cansando dela. Os realizadores tomam assim o aspecto do Príncipe Jacinto da Gran-Ventura da «Cidade e as Seras» que regressa à aldeia sertançã de Tormes. Surge então uma espécie de *roussiausismo* que quer proclamar o regresso à Natureza, procurando a comunhão directa e imediata com as fontes de alegria e de vida de que a Natureza é pródiga. O cinema chama a si, pois, o poder catártico de nos purgar das toxinas que deprimem a vida contemporânea. Ainda há pouco vocês viram o «Sangue Vermelho» com Clara Bow, que já havia feito semelhantemente «Hula» com Clive Brook, o qual, a pesar-das americanices do estilo, nos apresenta com certa vivacidade a voz do *far-west* gritando nas veias duma rapariga educada pelos requintes da civilização novayorkina com toda a inutilidade desta. Vocês assistiram a numerosos documentários sobre a paisagem e a vida selvagem: «Chang», «Rango» de Schoedsach, «Congorila», «Voz de África», Caça-los Vivos», etc., etc., e bem assim essas duas extraordinárias realizações de Flaherty «Namuk» e «Moana» ou o «Tabu» que o malogrado Murnau levou ao requinte de fazer interpretar só por indígenas da Polinésia. Van Dycke parece ter escolhido o seu género com o «Trader Horn», o «Tarzan» e sobretudo com essa deliciosa maravilha que foram as «Sombras Bran-

cas» com Raquel Torres e Monte Blue. King Vidor realizou a «Ave do Paraíso» da qual não posso esquecer, entre o singular desempenho de Dolores del Rio, a estranha luta travada no seio das águas entre os tubarões e os indígenas das ilhas daqueles misteriosos mares da Insulindia, assim como não posso esquecer tão pouco no «Congorila» o amanhecer num quieto lago coberto de flamingos que, ao primeiro livor lilás da ante-manhã, se erguem num vôo de anúncio, cobrindo por completo o écran num frémito louco de asas, ou ainda esse ruído quente dos tambores da «T. S. F.» dos selvagens através a espessura da noite tropical em plena selva e à luz dum luar quasi pastoso, anunciando a chegada da expedição de brancos à tribo — como não posso mais esquecer enfim no «Trader Horn» a canção gutural e monodica dos *isorgas* perseguindo os exploradores.

No próprio a «Leste da Ilha de Bornéu», de realização bem medíocre, ouve-se o permanente silvar crocitado das serpentes e o regogar próximo de hienas que na obscuridade da selva vão namorando a jangada que sobe o rio, o que é duma realidade impressionante.

A natureza surge-nos, portanto, em toda a sua plenitude e em toda a sua grandeza *ferozmente idílica*. Ao assistir a estes documentários dilatam-se nos as narinas, as temporadas batem-nos mais apressadas e um desejo novo de nós se apodera de bebermos aquela água fresca que corre, livre e incerta, dormirmos embalados nos braços daquelas grossas lianas ou lançarmo-nos naqueles mares transparentes e tranquilos, virgens dos esgotos sórdidos da nossa civilização.

É que o excesso de mecanicismo da nossa civilização atingiu um tal acume que a transição para o estado selvagem e primitivo se torna lógica e bem próxima de prever. O homem, esgotadas as suas possibilidades de realização técnica e de sobreposição à natureza, à força de querer domesticá-la totalmente e eliminá-la até, por assim dizer, finalmente irá tombar nela própria e ser escravo dos seus caprichos para sempre inconfessáveis e eternamente misteriosos. As diversas correntes de opinião sobre o nudismo, o frugiverismo e a liberdade sexual e já mesmo as expressões de arte como o doidaismo em literatura e pintura, e a própria característica da música moderna com Debussy, Stravinsky e Ravel, dão-nos a medida de todo esse doloroso e forçado regresso à natureza a que nos levou o cansaço e a angústia do esforço duma civilização excessiva em técnica, brilhante mas efémera, porque ao cabo de setenta anos — a vida dum homem — toda essa maravilhosa engenharia está prestes a ser sucata.

Não se pode, pois, dizer que esse ansioso grito de liberdade e libertação que sobressalta de todas as diversas formas de regresso à Natureza inextinguível fonte de originalidade e de força, seja anacrónico ou extemporâneo. Além da lógica, torna-se agora mesmo necessária toda a ofensiva espontânea e organizada até, contra a ditadura da mecânica que vai sendo cada vez mais odiosa e violenta pela opressão que vai exercendo não só sobre o mundo político, mas também artístico e moral até, porque no mundo mecanicista actual não falta já uma idolatria da máquina com os respectivos magos e feiticeiros. E por isso mesmo se vão formando aqui e além nalguns variados recantos surdos da Europa, núcleos de exaltação pagã particularmente significativos e característicos desde este ponto de vista. Com efeito, o mecanicismo da civilização actual estandardizou por tal forma a vida no que ela exprime de exuberância e possui de expansão totalizadora, no que há na vida de incontinente e fecundo, de amplamente criador enfim que, para aqueles que sentem nas artérias estuar o sangue oxigenado e vivo da origem, a única válvula de escape, o último motivo de fuga, está aí — em todas as manifestações de protesto e reacção contra o império da máquina.

Mas eu não venho para aqui defender o regresso à folha de parra, a-pesar-do Armando Vieira Pinto me ter pôsto já a um canto da redacção do «Movimento» a comer amendoim.

Isso — defender o nudismo, é claro, e não o comer amendoim — é para as conferências do distinto radiófilo e naturista Dr. Amílcar de Sousa.

O que eu quero afirmar, sem receio de paradoxo, é que, quando o homem actual conseguir eliminar a Natureza, nesse momento a Natureza eliminará o homem. Outra civilização deverá surgir então; e assim como o mundo oriental nos iniciou nas artes plásticas, o mundo clássico na literatura e o mundo moderno na música — a civilização mecanicista actual iniciará a futura civilização numa nova arte: o cinema.

Luiz Guedes

C A R T A

Minhas queridas amigas.

É natural que vocês fiquem um pouco surpreendidas ao ser-vos entregue esta minha carta. Eu sou assim: esquecido, um pouco desleixado, cabeça no ar, inconstante... Mas, no fundo, boa pessoa, camarada fiel e vosso amigo sincero.

Tenho muitas novidades para vocês, novidades fresquinhas a saltar, novidades em primeira mão. E tenho, também, de discutir com vocês o que vai ser o vosso programa no Verão que já vem tão perto e que se anuncia tão bonito.

Que preferem vocês em primeiro lugar: as novidades, ou a discussão? As novidades? Então aí vai.

Como vocês sabem, modéstia à parte, os meus rapazes — estão todos bons, obrigado! — souberam fazer de mim uma boa revista, bem arranjadinha, limpa e moderna. Pois prometeram-me que vão fazer muito mais. No próximo número, o *primeiro do meu segundo ano* — decididamente vou envelhecendo! — já vocês terão ocasião de ver, com os vossos lindos olhos azuis, ou castanhos, ou verdes...

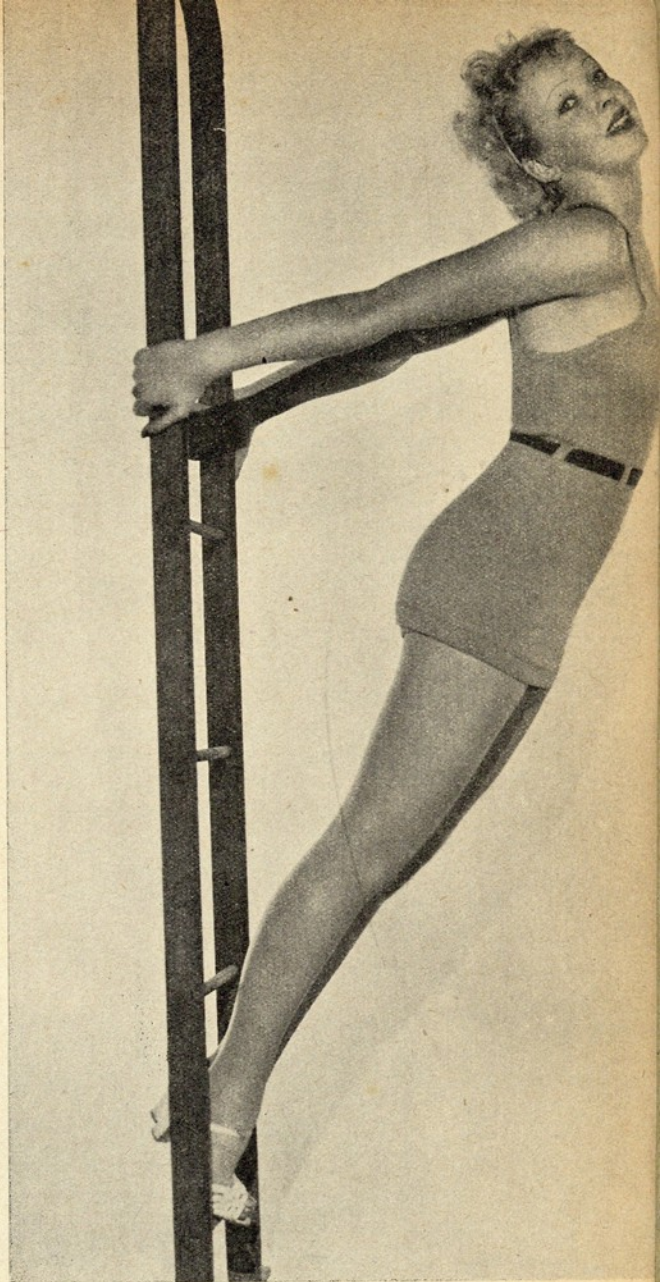
Vou mudar de capa. Vou passar a ter outro formato e a ser feito noutro papel. Vou ser colorido. As minhas secções vão ser mudadas e foram escolhidas de acôrdo com as vossas cartas, isto é: com os vossos desejos, as vossas predilecções, os vossos caprichos, muitas vezes difíceis de satisfazer, mas sempre adoráveis.

Já pouco falta. Daqui a dez ou doze dias saio para a rua diferente, novinho em folha, alegre como um pássaro e pimpão como um jardim. Vou passar a ser tão bonito, tão elegante, tão vistoso que vocês, vocês que são, palavra de honra!, as mais simpáticas, as mais elegantes, as mais engraçadas, — as mais *tudo*, emfim! — raparigas da Europa, vão trazer-me por tôda a parte debaixo do braço, orgulhosas do vosso bom gôsto e da minha elegância.

Quanto às novidades é isto.

Vamos agora ao resto. Que pensam vocês fazer no verão que se apróxima e que se anuncia tão bonito, êste ano?

Cá por casa vai um alvoroço, uma animação, uma alegria que nem vocês calculam.



**às raparigas
entre os
15 e os 30**

O Armando, mal apanha um dia sem névoa, ausenta-se muito sorrateiro para parte incerta e vai estender-se na Foz, ao sol, como os sardões. Anda côr de chocolate. E estou até com certo cuidado nele. Qualquer dia esquece os meus conselhos carinhosos, passa no Palácio e metem-no para lá numa das aldeias indígenas da Exposição Colonial.

O Alves Costa é que me apoquento um pouco. Os outros anos era ele o primeiro a aproveitar os bocadinhos vagos que apanhava para ir para as praias assar-se, conscienciosamente, por todos os lados.

Êste ano, pelo contrário, quer chovam pedras quer brilhe o sol mais tentador, da redacção é que ninguém o arranca. Passa horas inteiras entornado no «sofá da má língua» como êles lhe chamam, e não tira os olhos de um retrato da Silvia Sidney que puseram na parede, no outro canto da sala. Para mim, aquilo deve ser paixão e preocupa-me seriamente o pobre rapaz, porque as paixões, nestas idades ainda indecisas da adolescência, dão muitas vezes maus resultados.

O Médicis andou uns dias adoentado, mas agora passa melhor. Só os dois de Lisboa o Fernando Barros e o Alexandre Serpa é que se tem portado mal para comigo, mandriando,

«mais do que é permitido à força humana». Mas não lhes quero mal por isso. Coitados! Tem muito que estudar para os exames que estão perto.

E aqui está, quanto a mim e aos meus pequenos.

E vocês? Para vos ajudar mando, junto a esta carta, duas fotografias duma engraçada rapariga que se chama Ida Lupino.

Propositadamente as escolhi para que vocês possam ver como há, muitas vezes mais imoralidade, mais sex-appeal, uma atitude incomparavelmente mais equivocada e menos digna de vocês nos vestidos que vocês levam aos bailes, do que nos maillots que, por uma questão de preconceito errado, muitas de vocês se não atrevem, ainda, a vestir nas praias.

Reparem na primeira. Vejam se há nessa rapariga gentil, franzina como um àlamo adolescente e loura como um trigal maduro, outra coisa que não seja graça, agilidade, alegria juvenil e simples de viver!

Vejam se alguém que não seja um doente ou um degenerado poderia pensar equivocadamente acerca dessa mocidade frágil, dada sem mêdo nem preconceito, ao sol dourado e à clara luz!

Reparem agora na outra fotografia. É a mesma mulher. Mudou apenas o fato, mudou apenas a atitude, e mudou logo tudo, completamente. A atitude é dúbria, o sorriso equivocado, o próprio coleio do corpo, o próprio olhar, tudo é capcioso, com muito de sensual e de perverso.

Ah! Minhas queridas amigas! Quanto mais pura, quanto mais alegre, quanto mais digna não é a primeira do que a segunda: a primeira em que não há mais do que uma força livre e sã no meio da sã e livre Natureza—do que a segunda em que há todos os artificios, todos os preconceitos, tôdas as hipocrisias com que o homem estragou, estulto e vão, a maravilhosa obra que lhe entregou o criador.

E quanto mais coerente não é a primeira do que a segunda para com vocês que são, palavra de honra!—as mais bonitas, as mais simpáticas, as mais elegantes raparigas da Europa, vocês, raparigas entre os 15 e os 30...

Pensem nisto com atenção. E sejam sempre amigos do vosso dedicado



Estação de serviço

Sala de Espera

Faz agora um ano: Morria a temporada cinematográfica com a chegada dos primeiros dias de calor, convidando a gente da cidade a procurar fora deste burgo carrancudo e velho, a aragem fresca dos campos e das praias... Começou então correndo pelas mesas dos cafés e pelos corredores já pouco movimentados dos cinemas, a notícia de que estava para breve a saída duma nova revista. E aqueles que traziam a novidade ou aqueles que a recebiam, armavam um sorrisinho quasi de troça a acompanhar um encolher de ombros significando superior indiferença...

Quem se atreveria a lançar, naquela altura e nos tempos que iam correndo, uma nova revista de cinema?... Talvez fosse blague a noticia...

Mas não eram falsos os boatos.

A conjura estava feita. Eram sete os conspiradores: o Armando Vieira Pinto, chefiando, o Armando Barros, manejando os «cobres», o Luis Guedes, o Vasco Rodrigues, o Alexandre de Médicis, o Alves Costa e o Alberto Serpa que mais tarde nos havia de abandonar.

E no dia 15 de Junho de 1933, a-pesar-dos tempos que iam correndo, a-pesar-das opiniões pessimistas que já se iam formando à nossa volta e a-pesar-de estarem proibidos os movimentos... o MOVIMENTO veio para rua.

Vieio para a rua e triunfou.

E quanto pesar isso não custou aos inimigos que criamos com o nosso desassombro, com a nossa irreverência, com a nossa sinceridade, com a nossa independência!... Mas criamos amigos, amigos que desconhecemos, mas que nos são fieis e dedicados, amigos que se somam por alguns milhares espalhados por este país fora, que são vocês, raparigas e rapazes que nos leem e nos ajudam na nossa tarefa bem árdua... se bem que seja a rir que a levamos muitas vezes...

E para vocês, nossos leitores, nossos assinantes, nossos amigos, que vai o nosso maior reconhecimento, neste momento de alegria muito íntima ao completarmos vitoriosamente um ano de vida—o nosso primeiro ano de vida.

E para os outros, aqueles que há doze mezes vem profetizando a nossa derrota, vão as nossas maiores desculpas... por não termos morrido ainda...

Expediente

PRÍNCIPE MORENO— Não estava má a sua crónica para o concurso... mas perdeu. De outra tentativa era capaz de ter mais sorte... mas, como o concurso de colaboração está encerrado, arrependa-se de não ter começado logo desde o início. Dê-me sempre notícias suas. Farei a comunicação que deseja.

MAGALI— Cansou-se... e afinal não chegou a tempo. Porque pensou só à última hora em entrar no concurso?

Aí está o seu castigo. Perdeu os cinquenta escudos e foi muito bem feito. Na minha última «conversa» consigo, uma gralha tipográfica alterou o sentido da primeira frase. Perguntava-lhe se lia Frederico Mistral e, a-final, por descuido de revisão, saiu um disparate...

«Gado Bravo» deve sair a público mais ou menos quando sair este número e então, se não tiver surgido qual-quer precalço, terá ocasião de ver «Douro Faina Fluvial» como tanto deseja. E espero que não se arrependará. Gostei pouco de John Gilbert em «Rainha Cristina». Em compensação achei magistral o desempenho de Greta Garbo, que continúa sendo uma grande artista!... E um bocadinho difícil de comparar «Rainha Cristina» com «Cântico dos Cânticos»... O número 22 saiu realmente muito atrasado mas não foi por nossa vontade. Perdê-nos a ansiedade em que a obrigamos a estar durante quinze dias. Evitaremos que tal volte a acontecer. Não sei se a chegada de Salazar ao Pôrto foi filmada, mas é possível que sim.

Continue a dar-me o prazer das suas cartas.

EDUARDO JORGE BARREIRO PIRES— Desculpar-me-á não lhe responder particularmente, como desejava, mas isto faz parte dos regulamentos desta secção.

Tenho sempre imenso prazer em receber cartas dos nossos leitores, fazendo-me consultas, pedindo-me pareceres ou simplesmente expondo opiniões.

A todos, por sua vez, respondendo com a brevidade que o curto espaço de que disponho me permite. Mas não respondo particularmente, como, aliás, não quebro nenhum dos regulamentos que governam esta «Estação de Serviço». «Documents 34» é uma revista mensal de literatura, filosofia e cinema que se publica em Bruxelas, 6, rua Gabrielle. Obrigado pelas palavras amáveis que concedeu a «Movimento» e creia-me sempre ao seu inteiro dispor.

J. J. G. P. SILVA— O seu ensaio sobre a Brigitte Helm era muito pequeno e estava fraquito. Mas não fique desanimado por ter perdido os cinquenta escudos. Para outra vez será. Pessoalmente não gostei de «Rasputine e a Imperatriz». Creio que Beatriz Costa já não manda fotografias aos seus admiradores.

PRÍNCIPE DE GALES— A minha paciência está toda às ordens de Vossa Alteza...

Não hesite pois em me escrever tantas vezes quantas lhe apetercerem.

H. da Costa comprometeu-se a sonorizar «Douro Faina Fluvial» e, se não surgir qualquer imprevisto, esse filme deve ser apresentado a público juntamente com «Gado Bravo». Manoel de Oliveira pensa fazer, de facto, um filme de envergadura. Está unicamente à espera do vil metal. Lá inteligência, habilidade e intuição tem êle!... Não sei se Vasco Pereira entra no «Gado Bravo». Que interesse tem nisso?

EU SOU A SUSANA— E eu sou o Amok...

A sua crónica para o concurso chegou com três dias de atraso o que, por outras palavras, quer dizer que se pode despedir dos cinquenta escudos que tanto ambicionava. Tenha paciência e para outra vez não se guarde para a última hora...

CINÉFILO LISBOETA— Ora essa, meu caro senhor, escreva sempre que deseje... Não veio nenhuma carta para si. O Médicis anda com a doença do sono. A por isso que êle tem escrito pouco. Não recebi as revistas que diz ter-me enviado. Até à próxima.

CHASKOR— Sim senhor, Leni Riefenstahl, que viu há pouco em «S. O. S. Iceberg», foi a protagonista de «A Montanha Sagrada» A sua direcção é: Berlim-Wilmersdorf, Hindenburgstr., 97, Alemanha.

Na próxima época é possível que vejamos «A Luz Azul», um filme de que dizem as maiores maravilhas e que também é interpretado por essa artista.

Anotado n.º 13

PRÍNCIPE NEGRO (Lisboa)... deseja corresponder-se com «M.º Insensível» e «Cinéfilo Lisboaeta».

J. J. G. P. SILVA (Coimbra, tr. Rua do Norte, 2)... deseja adquirir os n.ºs 2, 6, 7, 8 e 9 de «Movimento»

PRÍNCIPE DE GALES (Lisboa)... manifesta às leitores de «Movimento» e em especial às do Pôrto e Coimbra, que teria muito prazer em se corresponder com elas sobre assuntos cinematográficos, oferecendo à primeira que lhe escreva por nosso intermédio, uma fotografia dum actor de cinema.

MAGALI (Pôrto)... confessa estar muito interessada por Principe de Pickfair. Mas como eu não tenho nada com isso, aqui fica o aviso...

Amok



Quer V. Ex.^a mostrar assim,
orgulhosamente a sua pele?
Faça uso da MÁSCARA DE FAMA
RAÍNHA DA HÚNGRIA DA

M.^{me} Campos, L.^{da}

Avenida da Liberdade, 35
LISBOA



O R S E C

de

Irmãos Oliveiras

Constructores de aparelhos para
CINEMA SONORO
RADIOEMISSÃO
RADIORECEPÇÃO

Pôsto emissor e oficinas
R. dos Caldeireiros, 113
P O R T O

A GARANTIA DE 12 ANOS
DEDICADOS PROFISSIONALMENTE À RADIOELECTRICIDADE

ENTREGUE
A
SUA
PUBLICIDADE
A

Armando & Armando

RUA ELISIO DE MELO

28

SALA 4

P Ô R T O

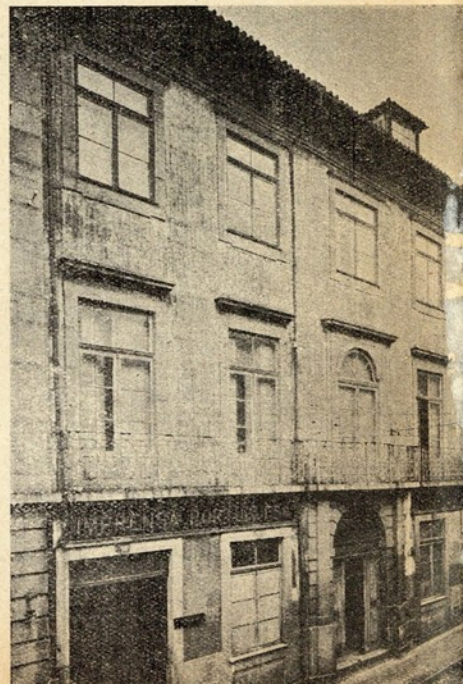
**A IMPRENSA
PORTUGUESA**

é perfeita em
todos os seus
trabalhos.



108, Rua Formosa, 116
TELEFONE, 1466

P Ô R T O



Os refrigeradores CROSLEY!...

Oferecem 14 vantagens que
nunca serão igualadas



2-COLUMN D-35

- 1 - Regulador para variação de temperatura.
- 2 - Comutador para os desgêlo.
- 3 - Desligador termal para proteção do motor.
- 4 - Parte superior plana.
- 5 - Pés altos para facilitar a limpeza.
- 6 - Prateleiras com barras achatadas.
- 7 - A mais perfeita isolação.
- 8 - Consumo mínimo de energia.
- 9 - Máximo de capacidade útil.
- 10 - Mecanismo refrigerador desmontável.
- 11 - Interior de porcelana.
- 12 - Blocos de gêlo em abundância.
- 13 - Interior iluminado.

ÚNICO!... - Munidos do shelvador CROSLEY patenteado em todo o mundo.

Um refrigerador CROSLEY será montado em casa de V. Ex.^{as} em 5 minutos.

Brevemente a chegar a primeira grande remessa.

Vendas a pronto e a prestações até um ano.

PEDIDOS AOS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CASA FORTE BAZAR S. A. R. L.

Rua Sá da Bandeira, 281

Telefone, 2425

Rua Santa Catarina, 20

P O R T O

Pôsto Emissor C. S. I. C. F.



Projecto do architecto
JOÃO QUEIRÓS

O
PRIMEIRO
PRÉMIO

DO NOSSO
NÚMERO
DE VERÃO